

OS ESTABELECIDOS E OS OUTSIDERS DA AMAZÔNIA: UMA REFLEXÃO SOCIOLÓGICA ACERCA DE UM PROJETO DE REASSENTAMENTO EM RONDÔNIA, BRASIL

THE ESTABLISHED AND THE OUTSIDERS AMAZON: A SOCIOLOGICAL REFLECTION ON A RESETTLEMENT PROJECT IN RONDÔNIA, BRAZIL

Aureni Moraes Ribeiro

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Luana Cardoso de Andrade

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Artur de Souza Moret

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Correspondência:

Universidade Federal de Rondônia, Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável.

Br. 364, km. 9,5, Sentido Acre

Porto Velho – Rondônia – Brasil. CEP: 78900-000

E-mails: aurenipvh@gmail.com / luanacardosodeandrade@gmail.com / arturmoret@hotmail.com

Resumo

Sob a ótica da teoria de *Estabelecidos e Outsiders* de Norbert Elias e John Scotson, o objetivo deste artigo é analisar as implicações sociais do deslocamento compulsório da comunidade Mutum-Paraná decorrente da construção da hidrelétrica de Jirau em Rondônia, que era uma comunidade tradicional amazônica. O remanejamento originado por obras de infraestrutura na Amazônia gera, não apenas perda da territorialidade de populações, mas uma ruptura material e imaterial de valores simbólicos de um modo de vida já consolidado.

Palavras-chave: Amazônia; Remanejamento; barragem.

Abstract

From the perspective of *Established and Outsiders* theory of Norbert Elias and John Scotson, the purpose of this article is to analyze the social implications of compulsory displacement of the Mutum-Paraná community resulting from the construction of the Jirau hydroelectric powerplant in Rondônia, which was a traditional Amazonian community. The relocation caused by infrastructure projects in the Amazon generates not only loss of territoriality populations but a break tangible and intangible values of symbolic in a way of life already consolidated.

Keywords: Amazon; relocation; dam.

Introdução

Dada a recente multiplicação de reassentamentos de atingidos por hidrelétricas na Amazônia, esta pesquisa aborda a experiência do reassentamento coletivo Nova Mutum Paraná oriundos da antiga vila de Mutum-Paraná em Rondônia, Brasil. Examinamos a importância do território, as implicações e as estratégias que os moradores estão utilizando para se (re)inventarem enquanto sujeitos coletivos.

Atualmente a Amazônia é a região de maior interesse da indústria da eletricidade no Brasil. Desta forma a discussão dos impactos ambientais e sociais se constitui em pontos importantes para a ciência se debruçar. Os impactos gerados pelos deslocamentos populacionais forçados, no geral, são graves e irreversíveis, gerando novos processos organizativos. A implantação de usinas hidrelétricas se constitui no mundo um campo de disputas por terrenos e posições geográficas. Devido a sua dimensão técnica, econômica e territorial, torna-se fator de desorganização social e econômica, a qual segue uma reorganização das populações que aí residiam.¹ Rebouças² explica que essa gente, uma vez desapropriada e compulsoriamente deslocada, acaba sendo reassentada em lugares distantes das margens dos rios, nas quais e para as quais havia configurado expressivo repertório de saberes técnicos e simbólicos para fazer frente ao seu singular modo de vida, mas é importante destacar que, o desfazer dos reassentamentos se dá por disponibilizar vilas urbanas para cidadãos rurais.

A área de estudo para elaboração desta pesquisa foi o reassentamento Nova Mutum Paraná, localizado no Estado de Rondônia, Brasil. Implementado e construído pelo consórcio construtor da hidrelétrica de Jirau, recebeu parte dos moradores da antiga vila Mutum-Paraná, que teve seu território original inundado pelo lago da mesma hidrelétrica.

A usina hidrelétrica de Jirau está localizada no rio Madeira a montante de Porto Velho, distante aproximadamente 120 km da capital. Tem capacidade instalada de 3.750 megawatts (MW) é uma obra do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo Federal. O custo da obra está orçado em R\$ 15,5 bilhões segundo o consórcio construtor Energia Sustentável do Brasil S. A (ESBR), formado pelas empresas: GDF Suez, Eletrosul, Chesf e Camargo Corrêa.³ Os valores exatos das obras são pouco conhecidos, porque a bibliografia mostra que o custo de instala-

¹ SEVÁ FILHO, Arsênio Oswaldo. Estranhas Catedrais. Notas sobre o capital hidrelétrico, a natureza e a sociedade. *Revista informativa ciência e cultura*, v. 60, n. 3, p. 44-50, 2008.

² REBOUÇAS, Lídia M. *O Planejado e o vivido, reassentamento de famílias ribeirinhas no pontal do Paranapanema*. São Paulo: Annablume Fapesp, 2000, p. 13.

³ Disponível em: <http://www.energiasustentaveldobrasil.com.br/caracteristicas.asp>. Acesso em: 15 mar. 2014.

ção varia entre US\$1.000 e 2.000/ kW, podendo chegar a cifra de R\$26,3bi (utilizando o câmbio de US\$1=R\$3,5). O impacto dessas obras pode ser dimensionado comparando com o PIB (2012) de R\$9,8bi da cidade de Porto velho, onde o preço oficial é 1,6 vezes maior a arrecadação.

Duas grandes hidrelétricas estão sendo construídas no rio Madeira em Rondônia: Jirau e Santo Antônio. Moret e Ferreira⁴ destacam que a montante dos dois empreendimentos, localizados no município de Porto Velho, há inúmeros conglomerados populacionais ao longo da extensão do rio: Santo Antônio, Engenho Velho, São Domingos, Jatuarana, Macacos, Amazonas, Teotônio, Morrinhos, Joana D'Arc, Jaci-Paraná, Mutum-Paraná, Abunã, Fortaleza do Abunã, Ponta do Abunã e Entroncamento. A atividade econômica predominante dessas famílias e a agricultura de subsistência e a pesca.

A intervenção na área de estudo se deu por meio da observação participante, com visitas ao reassentamento Nova Mutum Paraná. Também realizamos um levantamento fotográfico que nos permitiu ter uma visão global do espaço analisado, enfocando principalmente o entorno do reassentamento, as casas e a infraestrutura oferecida na localidade.

Importante no campo da sociológica histórica, o argumento científico da pesquisa foi a teoria de “*Estabelecidos*” e “*Outsiders*” – os de fora (tradução livre) – de Norbert Elias e John Scotson. Desta forma buscamos analisar os impactos que a mudança de localidade acarretou na identidade dos moradores da vila de Mutum-Paraná demonstrando que os moradores a partir do deslocamento passaram a se comportar como *outsiders*, sendo que na localidade original se comportavam como *estabelecidos*, bem como a influência da mudança de território na identidade desses moradores.

O livro etnográfico de Elias e Scotson aborda o estudo de comunidade que ocupou um importante papel na sociologia na segunda metade do século XX. O livro é uma espécie de monografia do qual os autores combinam dados oriundos de fontes diferentes: estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas e, principalmente "observação participante". O ecletismo metodológico é um dos pontos de destaque. O tratamento de diferentes fontes permitiu aos autores conseguir diferentes pontos de vista (e de posições sociais) que formam a configuração social, e compreender a natureza dos laços de interdependência que unem, separam e hierarquizam indivíduos e grupos sociais. Os estudos de Norbert Elias e John Scotson se basearam nos habitantes de Winston Parva, povoado industrial de nome fictício, para desenvolver a teoria de *Estabelecidos* e *Outsiders*. A partir de uma análise microssociológica das diferentes zonas dentro do bairro, diferenças essas determinadas pelos status sociais dos moradores e os chamados *Estabelecidos* (*Insiders*) e recém-chegados (*Outsiders*) e pelo tempo de moradia no bairro.

⁴ MORET, Artur de S.; FERREIRA, Iremar Antônio. As Hidrelétricas do Rio Madeira e os impactos socioambientais da eletrificação no Brasil. *Revista Informativa Ciência Hoje*, v. 45, p. 47-52, 2009.

Os autores discutem como os estigmas sociais são criados, qual sua relação com a formação da autoimagem de cada indivíduo e os elementos que podem torná-lo inferior. Elias e Scotson (2000)⁵ explicam que o tempo de moradia é um dos principais fatores de estigma social. Tendo como base a obra podemos dizer que os chamados *estabelecidos* são os moradores que nascem e vivem há muitos anos em uma dada região e conservam suas tradições e coesão grupal e os recém-chegados ou *outsiders* são aqueles que chegaram de outras regiões, levando seus costumes e crenças, e se estabeleceram em um dado lugar, no qual os *estabelecidos* já estavam.

Através de um estudo etnográfico, os autores se debruçam sobre as relações de poder, superioridade e preconceito existentes dentro das zonas de Winston Parva. Dada as relações com situações cotidianas da sociedade, é possível aplicar a teoria dos “*Estabelecidos e Outsiders*” em várias situações relacionadas à desigualdade humana: relações entre classes, grupos étnicos, colonizadores e colonizados, de gênero, ambiente escolar, entre outros. A análise da mudança se assentou na comparação entre o reassentamento urbano Nova Mutum Paraná (presente) e ao (passado) recente antes da realocação. Eventos como modificações/alterações/acomodação foram destacados como variáveis a serem analisadas pela ótica da teoria de *Estabelecidos e Outsiders* de Elias e John Scotson no reassentamento Nova Mutum Paraná.

A vila de Mutum Paraná: breve caracterização e dinâmica

A vila Mutum-Paraná foi totalmente remanejada em 2010 para outra localidade, pois devido a sua localização foi diretamente impactada pela hidrelétrica de Jirau, megaempreendimento construído no rio Madeira, Estado de Rondônia, Brasil. O processo de formação da vila de Mutum-Paraná é marcado pela extinta Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e pela extração vegetal e mineral. A história da localidade está diretamente relacionada aos ciclos econômicos da região: seringa, garimpo e madeira. Com a desativação da ferrovia em 1972, que servia para o transporte da produção de borracha, castanha, carvão e cereais, rumo à estação de Porto Velho, o distrito viveu a estagnação. Em 1978, descobriu-se ouro de aluvião no rio Madeira e centenas de pessoas foram trabalhar nas balsas e dragas que ficavam nas proximidades da vila. A construção da BR-364, em direção ao Acre, deu novo alento ao lugar, sendo fundamental no escoamento da madeira, que passou a ser explorada intensamente na região⁶.

⁵ ELIAS, Norbert; SCOTSON, J. L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena cidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁶ Projeto Básico Ambiental. *Programa de remanejamento de populações atingidas da hidrelétrica de Jirau*. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/>. Acesso em: 9 jun. 2013.

Até o estabelecimento da hidrelétrica a vila contava com cerca de 1.800 habitantes. Um dos motivos deste crescimento foi a chegada das madeireiras que se tornaram uma das principais atividades econômicas junto com o comércio local e o garimpo de ouro e cassiterita.

Os meios de transporte comumente usados pelos moradores da vila de Mutum-Paraná era o rodoviário estadual, pois a comunidade estava próxima da BR – 364, e por embarcações que utilizavam os rios Madeira e Mutum-Paraná como via fluvial. As habitações da comunidade eram em grande parte feitas de madeira, material abundante na região, e cobertas com telhas de amianto. A captação de água era realizada por meios de poços amazonas. O saneamento básico inexistia dentro do distrito (Figura 1). Entre os impactos sociais para os atingidos apontados no Plano Básico Ambiental (PBA) da hidrelétrica de Jirau⁷ estão: o conflito de convivência entre população local e migrantes, intranquilidade da população, deterioração da qualidade de vida, interferência e perda de patrimônio arqueológico e cultural.



Figura 1. Casa típica da vila de Mutum-Paraná

Fonte: foto de João Henrique Rosa. Set. 2010.

Distante cerca de 60 quilômetros do antigo distrito de Mutum-Paraná, o reassentamento Nova Mutum Paraná, foi totalmente planejado pelo consórcio construtor, Energia Sustentável do Brasil (ESBR), com residências de alvenaria semelhantes, tanto dos atingidos como dos trabalhadores, saneamento básico, ruas asfaltadas, antenas para telefone celular, creches, escolas de ensino médio e fundamental, entre outros. Desta forma o reassentamento coletivo Urbano de “Nova Mutum Paraná” foi criado pela Lei Complementar n. 431 de 4 de outubro de 2011, Distrito de Jaci-

⁷ Projeto Básico Ambiental. *Programa de remanejamento de populações atingidas da hidrelétrica de Jirau*. Disponível em: <http://www.ibama.gov.br/>. Acesso em: 9 de jun. 2013.

Paraná.⁸ Com objetivo de abrigar os habitantes remanejados das áreas atingidas pelo reservatório, bem como abrigar os trabalhadores da usina, o núcleo urbano possui uma infraestrutura de 1.600 casas com expectativa de seis mil moradores e um polo industrial. A população remanejada da vila de Mutum-Paraná e que hoje habita o reassentamento é de aproximadamente 200 famílias.⁹

De acordo com o consórcio construtor, Nova Mutum Paraná, se configura como uma cidade sustentável e planejada com rede de esgoto, serviços e centro comercial. A divulgação realizada é de que Mutum-Paraná representava o antigo, com casas de madeira e péssima infraestrutura, com ruas esburacadas e cheias de lama, por outro lado, Nova Mutum Paraná, representava o moderno, um modelo de urbanização totalmente novo para os antigos moradores, uma vila urbana para moradores rurais (Figura 2).



Figura 2. Casa de um morador e vista parcial da vila de Mutum-Paraná

Fonte: Foto: João Henrique Rosa. Set. 2010.

Ao mesmo tempo em que as águas inundam um território, os agentes empreendedores procuram construir outro, com novos discursos, novas possibilidades. No momento da inundação, ocorre um entrelaçamento entre o antigo e o moderno, o rio e o lago, o passado e o presente, a memória e a promessa/esperança de que o novo seja diferente e melhor.¹⁰

No entanto, nem todos os moradores de Mutum Paraná se opuseram a mudança de localidade por conta da construção da hidrelétrica de Jirau, pois perceberam que através da obra poderiam obter ganhos financeiros. Desta forma é preciso

⁸ PORTO VELHO. *Lei Complementar n. 431 de 4 de outubro de 2011.*

⁹ Disponível em: <http://www.energiasustentaveldobrasil.com.br/imprensa/noticias/502>. Acesso em: 25 nov. 2014.

¹⁰ KARPINSKI, César. Hidrelétricas e Legislação ambiental Brasileira nas décadas de 1980-90. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/viewFile/1557/1463>. Acesso em 20 jul. 2013.

ter impavidez para se contrapor a algo que se apresenta como positivo. Uma vez que existe uma grande engrenagem de propaganda acoplada prometendo geração de empregos, saúde, educação, saneamento básico, entre outros, no geral, prometendo uma melhoria na qualidade de vida e aumento de renda (Figura 3). Como energia elétrica se transforma em sinônimo de desenvolvimento econômico, aqueles que questionam essa política são acusados de serem contrários ao progresso e estigmatizados como “atrasados”, “tradicionais” ou “conservadores”.¹¹ “Este discurso é recorrente quando da construção de uma obra. Discurso falacioso que tem o intuito de cooptar pessoas que por vezes são necessitadas de serviços básicos que o Estado deixa de oferecer”¹². Mais uma vez as hidrelétricas fazem parte de um discurso sobre crescimento, progresso e desenvolvimento econômico ufanístico e não-mensurável.¹³ De acordo com Oliver-Smith:

A consequente interrupção e trauma que a migração involuntária e reassentamento infligem as pessoas podem ser profundas. As pessoas podem ser sujeitas a forças que podem transformar completamente suas vidas. De modo geral, projetos de reassentamento provocam mudanças rápidas e radicais, no meio ambiente, em atividades produtivas, na organização social e interação, em liderança e estrutura política, na visão de mundo e ideologia.¹⁴



Figura 3. *Outdoor* localizado na entrada do reassentamento coletivo urbano de Nova Mutum Paraná

Fonte: Pesquisa de campo, setembro 2013.

¹¹ PARMIGIANE, Jacqueline. *Apontamentos para uma história de uma luta: os atingidos pela barragem de Salto Caxias/ PR*. Revista Tempo da Ciência, vol. 13, p. 107-123, 2006, p. 110.

¹² *Idem*.

¹³ KARPINSKI, César. *Hidrelétricas e Legislação ambiental Brasileira*, *Op. cit.*

¹⁴ OLIVER-SMITH, Anthony. Resistance to resettlement: the formation and evolution of movements. Resistance to Resettlement: The Formation and Evolution of Movements. In: KRIESBERG, L. (Org.). *Research in Social Movements Conflicts and Change*. Greenwich: JAI Press Inc., 1996, p. 198. Tradução dos autores.

A apropriação de terras de comunidades tradicionais é uma situação sempre delicada, porque grande parte destas tem vínculo com sua terra desde o nascimento e também é onde obtém os produtos essenciais para a sua sobrevivência.¹⁵

As medidas mitigadoras e compensatórias por vezes se mostram falhas. A expropriação de bens materiais e simbólicos das comunidades ribeirinhas e de algumas etnias pelos empreendimentos hidrelétricos acaba gerando uma nova reorganização social dos moradores das comunidades, então transferidas para assentamentos implementados pelos empreendedores que muitas vezes não atende a sua configuração social, o que implica em uma ruptura com a condição anterior e surgimento de um novo modo de vida com relação à natureza e as relações sociais.¹⁶

A noção de atingido diz respeito, de fato, ao reconhecimento, leia-se, legitimação de direitos. Em outras palavras, estabelece que determinado grupo social, família ou indivíduo é, ou foi, atingido por certo empreendimento significa reconhecer como legítimo e em alguns casos como legal – seu direito a algum tipo ressarcimento ou indenização, reabilitação ou reparação não pecuniária.¹⁷

Neste contexto é difícil saber precisamente quem e quantos são os atingidos:

Em princípio, seriam todos aqueles que no momento da “remoção”, efetivamente residem, trabalham ou detêm propriedades, construções e benfeitorias em todos os terrenos que serão requisitados para os canteiros de obras, para a retirada de construção, para o perímetro de inundação, mais as margens e faixas de proteção do “lago”, e ainda nos terrenos que serão limpos ou cortados por linhas e estações de transmissão, por vilas residenciais e alojamentos, por remanejamentos de estradas e de sedes urbanas.¹⁸

Existem dificuldades envolvidas neste processo de reassentamento como a falta de oportunidade para restabelecer ou melhorar o padrão de vida, a perda de resiliência e o aumento da dependência, o constrangimento institucional, eventos inesperados, incluindo mudanças nas prioridades governamentais, à falta de vontade política, o conflito com anfitriões e a falta de trabalho.¹⁹

¹⁵ RIBEIRO, Aurení M.; MORET, Artur de S. Os Atingidos por barragens na Amazônia. In: *2º Simpósio Internacional de História Ambiental e Migrações*, Florianópolis, (1) p. 2254-2271, 2012, p. 2568.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ VAINER, Carlos B. Conceito de “atingido”: Uma revisão do debate. In: ROTHMAN, F. D. (Org.). *Vidas Alagadas – Conflitos Socioambientais*. Viçosa: FGV, 2008.

¹⁸ SEVÁ FILHO, Arsênio Oswaldo. “Intervenções e armadilhas de grande porte” um roteiro internacional dos dólares e seus argumentos, e dos prejuízos dos cidadãos nas obras hidrelétricas. *Revista do migrante*, v. 2, n. 6, p. 9-11, 1990, p. 8.

¹⁹ FERNANDES, Flávio; BERMANN, Célio. *Uma Análise da Responsabilidade Social do Estado sobre a população Ribeirinha afetada por Hidrelétrica*. Itajubá: Em Congresso Brasileiro de Planejamento energético-CBPE (4), 2004.

Metodologia

A pesquisa se classifica como qualitativa, descritiva e de cunho etnográfico. “A etnografia é feita in loco e o etnógrafo é na medida do possível, alguém que participa subjetivamente nas vidas daquele que estão sendo estudados, assim como um observador objetivo daquelas vidas”.²⁰ O estudo no reassentamento durou seis meses, período do qual se fez visitas mensais ao reassentamento coletivo urbano. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa se dividiu em três momentos. O primeiro momento envolveu o levantamento bibliográfico. O segundo momento foi a pesquisa de campo. “O estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”.²¹ A observação participante foi utilizada como técnica. Sobre a técnica:

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida.²²

A observação participante é utilizada para compreender fenômenos sociais, desta forma depreende-se que “a observação participante representa um processo de interação da teoria com métodos dirigidos pelo pesquisador na busca de conhecimento não só da perspectiva humana, como da própria sociedade”.²³ As notas de campo foram de fundamental importância para a organização das observações e impressões acerca do reassentamento. A fotografia como recurso narrativo também foi utilizada. E por último foi realizada a análise do material, que foi realizada com base na teoria de “*Estabelecidos e Outsiders* de Elias e Scotson.

Os Estabelecidos e os *Outsiders* no reassentamento Nova Mutum Paraná - Resultados

Na comunidade original, em Mutum-Paraná, os moradores comportavam-se como *estabelecidos*, uma vez que os seus hábitos de vida e cultura estavam consolidados há várias décadas. Com a transferência para outra localidade, o singular modo de vida que os moradores tinham com suas casas, bem como, com relação a natureza é rompido. A mudança afeta toda a dinâmica comunitária, ocasiona perda de identidade, da história e da cultura dessas populações. Além de todos os transtornos cri-

²⁰ ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Atmed, 2009.

²¹ GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 57.

²² ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*, *Op. cit.*, p. 34.

²³ HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologia qualitativa na sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1987.

ados quando da construção e conclusão das obras, ainda há a frustração das expectativas que as famílias têm para o seu futuro nas novas terras. As frustrações concentram-se basicamente nos elementos identitários dessa comunidade, haja vista que houve alterações territoriais enquanto espaço físico, mas também enquanto espaço simbólico, onde há uma identidade própria das famílias com o ambiente e a comunidade. O imaginário não é inundado, nem passível de reassentamento, muito menos indenizado. A memória histórica e cultural fica presente na vida dessas famílias que, ao tentar recriá-los no novo território físico, frustram-se ao notar que o ambiente está descaracterizado/desconstruído das condições de outrora.²⁴

Desta forma a comunidade ao se deslocar para a Nova Mutum Paraná passa a ter um comportamento *outsider*, afinal, pois “os conquistadores obrigaram a população a viver fora de suas aldeias”.²⁵ As razões que explicam o comportamento *outsider* (os de fora) dos moradores de Nova Mutum Paraná são expostas a seguir.

Com o remanejamento da comunidade para o reassentamento coletivo de Nova Mutum Paraná ocorre uma inversão da teoria, se antes os moradores se comportavam como *estabelecidos*, na vila de origem, agora se comportam como *outsiders* e também tem que conviver com os outros moradores da localidade, neste caso, os trabalhadores da usina hidrelétrica de Jirau. Ocorre desta forma a descontinuidade histórica abalando as estruturas sociais dos moradores antigos de Mutum-Paraná. O desenraizamento lhes desestabiliza a identidade enquanto ser social. Com a cidade planejada cortou-se a relação de compadrio e vizinhança, antigas atividades econômicas foram extintas, eliminou-se a estética das antigas moradias e ocorre uma divisão entre os antigos moradores de Mutum Paraná e os trabalhadores da usina. Dentro do reassentamento há uma separação entre as casas dos trabalhadores e casas dos remanejados.

Acreditam, esses técnicos, que a oferta de um novo território de moradia, dotado de casa, energia elétrica, água encanada, saneamento básico, escolas e postos de saúde, representaria justa e integral indenização das perdas impostas às populações ribeirinhas compulsoriamente afastadas do contato com a água. Todavia, não lhes ocorre que a fixação dos reassentados em áreas as quais não estão ajustados leva à reconfiguração de seus grupos sociais, donde as perdas de referenciais pertinentes ao espaço às formas costumeiras de trabalho, vizinhança, sociabilidade e solidariedade, ademais do esgarçamento de suas representações estéticas e manifestações de identidade.²⁶ Ainda neste sentido:

Isso faz com que o deslocamento, apesar de ser movido por um objetivo planejado, traga consigo um elemento de imprevisibilidade quanto ao destino e à forma que toma o novo universo de relações

²⁴ SOUZA, Edevaldo Aparecido; HESPANHOL, Antônio Nivaldo. A UHE Sérgio Motta e as alterações econômicas, culturais e territoriais nas comunidades ribeirinhas reassentadas no município de Brasilândia – MS. *Revista Formação*, v. 13, p. 327-362, 2006.

²⁵ ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. Os Estabelecidos e os *Outsiders*, *Op. cit.*, p. 4.

²⁶ REBOUÇAS, Lidia M. *O Planejado e o vivido*, *Op. cit.*, p. 14.

sociais. Contudo, se aquelas comunidades são obrigadas a abandonar a beira do rio, elas, por outro lado, podem exercer a recusa do reassentamento em vilas residenciais, agrovilas ou lotes de terras situados geralmente em outras localidades, oferecidos pela empresa energética.²⁷

De *Estabelecidos* a *Outsiders* os moradores no reassentamento passam por um período de acomodação, ou seja, adequando-se ao novo local dentro de sua perspectiva para haver uma nova homogeneização, deixar o espaço com as suas características para se diferenciar dos demais, neste caso, a área destinada aos trabalhadores. A realidade observada é de que a condição de haver sido forçado a deixar sua terra gerou um sentimento de frustração em alguns moradores que tentam recriar na nova localidade a vida de outrora. A construção das casas de madeira (semelhantes às que tinham em sua vila de origem) no mesmo terreno das casas (de alvenaria) entregues pelo consórcio construtor é uma prova desta condição.

Na comunidade de origem, Mutum-Paraná, os moradores comportavam-se como *estabelecidos*, entre os aspectos culturais que definiam a comunidade podemos citar:

- A dinâmica diferenciada no comércio: as relações comerciais na vila eram simplificadas. Podemos citar o uso incipiente da tecnologia como exemplo, uso de cartão de crédito, ou ainda pagamento com cheque. Hábitos antigos estavam presentes na rotina comunitária como anotações de contas em cadernetas “fiado”, na qual o responsável iria ao estabelecimento saldar a sua dívida, em um determinado prazo.
- A dinâmica de compadrio: as relações entre vizinhos antigos tendiam a ser amistosas. Uma das dinâmicas encontradas que podemos ressaltar e em relação aos filhos pequenos, que muitas vezes eram deixados aos cuidados de vizinhos e sem nenhuma remuneração. O empréstimo de alimentos ou de pequenos objetos aos vizinhos “de cerca”, que vivem próximo de suas casas, reforça que o longo tempo de moradia gera laços de confiança mútuos entre os moradores.
- A comunidade também possuía fortes características de populações tradicionais da Amazônia, como as casas de arquitetura simples, construídas com o que a natureza oferece no geral a madeira, com poucos cômodos e com bastantes armadores de redes de dormir, fogões a lenha, horta e árvores frutíferas ao redor das casas e criação de animais soltos nos terreiros das casas. Quando da existência de cercas estas eram de madeira. As modificações ocorriam com as casas das famílias que moravam próximas ao rio Mutum (rio da circunvizinhança), estas eram construídas no sistema de palafitas, ou seja, sobre estacas para evitar alagamentos no período de cheia do rio.

²⁷ REBOUÇAS, Lidia M. *O Planejado e o vivido*, *Op. cit.*, p. 28.

- As caçadas nas matas da região, a pesca nos rios Mutum e Madeira, os banhos no rio Mutum, o futebol aos fins de semana e a igreja, são exemplos de lazer da comunidade que reforçam os seus laços enquanto sujeitos coletivos.

Com o remanejamento compulsório da vila Mutum-Paraná para a nova localidade denominada Nova Mutum Paraná um novo cenário social é construído. Entre os principais aspectos podemos citar:

- As casas entregues como forma de indenização aos atingidos são todas iguais (padronizadas), de mesmo tamanho, pintadas com as mesmas cores;
- Os terrenos em sua grande maioria não são cercados, ou quando são estes são feitos de lajotas de cimento pré-fabricadas;
- Existência de poucas árvores e sombra nos quintais;
- Não há terreno com espaço e terra adequada para o plantio, bem como criação de pequenos animais;
- Não há comércio próximo e aqueles que estão disponíveis tem relação comercial de espaços urbanos;
- Não há rio próximo para pescar e nem para atividades de lazer.

A coexistência com o rio é uma das características das populações amazônicas, portanto a ausência desta elimina atividades econômicas, pesca para subsistência e comercialização, atividades relacionadas a garimpo, de lazer e também de navegabilidade.

A relação de vizinhança nas localidades pequenas, vilas ou aldeias, são eminentemente importantes. Ao ser afastado de seu antigo vizinho nos reassentamentos urbanos, cortam-se as relações de compadrio e vizinhança. Ocorre a necessidade de readaptação do indivíduo ao seu novo meio, e desta forma, valores coletivos de outrora consolidados dentro da comunidade são rompidos, tornando-se individualizados. Novas relações sociais tendem a ser reconstruídas: com amigos, membros da igreja e com os vizinhos.

Identificamos na pesquisa que no reassentamento coletivos há uma nítida divisão social entre grupos de residentes. Os residentes mais antigos, os trabalhadores da usina de Jirau, e os novos, os moradores da vila Mutum-Paraná. Instalados em um cenário diferente de seu modo tradicional de vida, passam então a se comportar como *outsiders*. As informações destacadas acima demonstram que o território a qual foram relocados Nova Mutum Paraná, é extremamente diferente da antiga cidade, seja no âmbito social, cultural ou mesmo econômico.

A análise dos dados, fotografias e das observações realizadas no reassentamento Nova Mutum Paraná revelaram uma confrontação entre representações e uso do espaço. Os moradores relocados de Mutum-Paraná passam por um período de acomodação e adequação ao novo local. As casas de Nova Mutum Paraná têm estruturas simbólicas diferentes aos da vila: grama na calçada, janelas de alumínio,

casas de alvenaria, telhas de barro, pinturas em tons neutros e padrão estético homogêneo. Após o processo de remanejamento as casas estão sendo gradativamente alteradas para o antigo padrão da vila de Mutum-Paraná, ou seja, construções próximas, casas de madeira compartilhadas no mesmo espaço das de alvenaria, cercas de madeira, alteração das cores das casas, disponibilização de espaço para construção de outras casas para parentes e/ou agregados, entre outros. O fenômeno gerado tem relação ao pertencer, fazer parte do novo local, desta forma alteram e modificam o espaço recebido, como uma forma de impor o seu valor coletivo (Figura 4). Um fato que merece ser destacado e que foi fundamental para a análise da pesquisa é que apenas as casas dos ex-moradores da vila de Mutum-Paraná estão em processo de mudança.



Figura 4. Casas de madeira construídas por moradores da antiga vila no reassentamento coletivo Nova Mutum Paraná

Fonte: Pesquisa de campo, set. 2013

O quadro 1 apresenta as principais diferenças entre Mutum-Paraná e Nova Mutum Paraná, com relação a estética das moradias, espaço econômico, rio e vizinhança. Tais características foram alteradas, ocasionando uma profunda mudança na vida social, cultural e econômica dos moradores.

Quadro 1. Principais diferenças entre a vila Mutum-Paraná e reassentamento Nova Mutum Paraná

	MUTUM-PARANÁ	NOVA MUTUM PARANÁ
Estética da moradia	Palha, madeira, casas diferenciadas	Mesmo padrão de casas
Espaço econômico	Garimpo, pesca	Empregos alternativos
Rio	Pesca e lazer	Não há relação
Vizinhança	Relações estabelecidas	Quebra de relações

No caso dos deslocados de Mutum-Paraná, aspectos simbólicos como o sentimento de pertença não são levados em consideração nos relatórios técnicos, que por sua vez privilegiam o aspecto econômico. Os grandes projetos de investimentos que são realizados hoje na Amazônia dependem de territórios de populações tradicionais para serem realizados, e desta forma dilapidam não apenas o patrimônio ambiental, mas também o modo secular de vida.

Está ocorrendo em Nova Mutum Paraná uma sublevação simbólica por parte dos antigos moradores de Mutum-Paraná. A comunidade transferida está recriando no novo local, seu antigo modo de vida. Não apenas por não haver uma adaptação ao novo estilo de vida, mas sim para manter a unidade do grupo o que demonstra que existe uma memória coletiva presente. As construções de casas de madeira pelos moradores no mesmo local das casas de alvenaria entregues pelo consórcio construtor demonstram bem essa reafirmação de identidade.

Desta forma fazendo uma ligação com a teoria de Elias e Scotson (2000) no caso de Mutum-Paraná e Nova Mutum Paraná, podemos inferir que a população residente de Mutum-Paraná (os *Estabelecidos*), tinha uma relação “naturalista” com o território, visto que era o local de onde retiravam os recursos para sua sobrevivência.

No segundo caso como os deslocados (*Outsiders*) de Nova Mutum Paraná, o território passa a ser uma construção social, pois os moradores não possuem vínculo com a localidade, tornando-se desta forma um espaço novo a ser (re)construído.

Considerações Finais

O deslocamento forçado de populações na Amazônia por conta da construção de grandes hidrelétricas é responsável não apenas por uma ruptura com a territorialidade, como também com um modo singular de vida. A pesquisa fez uso da teoria de *Estabelecidos* e *Outsiders* de Norbert Elias e Scotson aplicando-a a comunidade de Nova Mutum Paraná, local para onde foram remanejados os moradores da vila de Mutum-Paraná. Identificamos que na vila os moradores de Mutum-Paraná se portavam como *estabelecidos*, visto que estavam na localidade há várias gerações, gerando um sentimento de pertencimento com o local e também detinham o controle sobre os meios materiais e imateriais de reprodução social. A coesão em grupo e a tradição são características dos *estabelecidos*. De acordo com a teoria o grupo se torna uma entidade dominante.

Com o remanejamento da comunidade para o reassentamento coletivo de Nova Mutum Paraná ocorre uma inversão da teoria, se antes os moradores se comportavam como *estabelecidos* na vila de origem, agora como moradores de Nova Mutum Paraná se comportam como *Outsiders*. Ocorre desta forma a descontinuidade histórica abalando as estruturas sociais dos antigos moradores de Mutum-Paraná. O desenraizamento abala a identidade enquanto ser social.

Nova Mutum Paraná foi planejada pelo consórcio construtor Energia Sustentável do Brasil com residências de alvenaria semelhantes, tanto dos atingidos como dos trabalhadores. Porém há uma separação dentro da própria localidade entre as casas dos trabalhadores e casas dos remanejados. A realidade observada é de que a condição de haver sido forçado a deixar sua terra gerou um sentimento de frustração em alguns moradores que tentam recriar na nova localidade a vida de antigamente.

Ocorre uma reacomodação e reordenação do espaço no sentido de que a perspectiva homogeneizadora do reassentamento adquira uma característica individual e também coletiva. Na pesquisa identificamos que a modificação mais frequente realizada pelos reassentados foi a construção de casas de madeira, igualmente às da região de origem, no mesmo terreno das casas entregues pelo consórcio construtor. Este fato comprova que os moradores de Nova Mutum Paraná se sentem como *outsiders* e tentam reconstruir sua identidade social e também impor influência em Nova Mutum Paraná.

Ao se avaliar um empreendimento do setor energético é imprescindível que as metodologias que orientam os projetos de remanejamento e relocação não sejam observadas apenas pelo viés econômico, mas também pelo simbólico, inferindo desta forma que tais obras intervêm no modo de vida de populações amazônicas e na reconstrução de territorialidades e identidade.

Sobre os autores:

Aureni Moraes Ribeiro

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável (GPERS), Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Luana Cardoso de Andrade

Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências (Educiência), Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Artur de Souza Moret

Doutor em Planejamento de Sistemas Energéticos pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (PGDRA) e Coordenador do Grupo de Pesquisa Energia Renovável Sustentável (GPERS), Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Artigo recebido em 28 de abril de 2014.

Aprovado em 29 de agosto de 2015.